

Steven Roger Fischer

HISTÓRIA DA ESCRITA

Tradução
Mirna Pinsky



editora
unesp

Capítulo 8

Um roteiro para o futuro

“A escrita é a pintura da voz”, escreveu o filósofo francês Voltaire em meados de 1700, refletindo a avaliação antropocêntrica que sua época fazia do objetivo inato e escopo da escrita. Duzentos e cinquenta anos mais tarde – passando por uma revolução eletrônica – muitos haveriam de admitir que a escrita transcende mesmo a humanidade. Tem sido um desmame demorado.

Após um milênio de “escrita incompleta”, usando sinais simbólicos e outras técnicas e imagens gráficas em argila macia e outros materiais, os escribas desenvolveram a idéia da “escrita completa”. O foneticismo sistêmico que define a escrita completa aparentemente apareceu pela primeira vez, em várias formas, entre 4000 e 3500 a.C. na Mesopotâmia. Por meio de “difusão de estímulos” – a transmissão de uma idéia ou hábito de um povo a outro – a função e técnica da escrita inspiraram os vizinhos a criar sistemas ou escritas semelhantes. Surpreendentemente, ao longo da história, apenas três principais tradições de escritas foram preservadas: a afro-asiática (Mesopotâmia, Egito e Levante e derivativas), a do Oeste da Ásia e a da América. As três compartilham a fonte suméria.

Três *sistemas* de escrita principais predominaram também, com muitas variantes e combinações transicionais – isto é, sistemas mistos e escritas mistas (e mesmo ambos juntos, como no japonês):

- *logografia*, ou “escrita da palavra” em que os grafemas ou sinais de escrita representam palavras;

- *silabografia*, ou “escrita silábica” em que os grafemas transmitem sílabas *in-di-vi-du-ais*;
- *alfabeto*, em que sinais chamados “letras” representam consoantes individuais (alfabetos consonantais, como árabe e hebraico) ou consoantes e vogais individuais (alfabetos completos como grego e latim).

Ao longo do tempo, a maior parte dos sistemas tendeu a se tornar silábicos, e seu antigo conteúdo semântico (sentido) foi gradualmente sobrepujado pelo conteúdo fonético (som). A escrita alfabética não mudou dessa forma. Uma vez que os antigos escribas egípcios elaboraram-na e os gregos cipriotas a “aperfeiçoaram”, a escrita alfabética permaneceu *sistematicamente* a mesma, embora apresentando diferentes tipos de escritas avançadas. Hoje, por causa da globalização e da tecnologia moderna, a escrita alfabética começa a desafiar todas as outras escritas.

Nos anos 1800, um dos fundadores da antropologia moderna, talvez com excesso de darwinismo, defendeu a idéia de que a evolução da sociedade da “barbárie” à “civilização” foi possibilitada primeiro e principalmente pela alfabetização, a habilidade de ler linguagem escrita (Tylor, 1881). Hoje, tende-se mais a enxergar a língua como a ferramenta mais importante da sociedade, sendo a língua escrita o cabo dessa ferramenta: a escrita por si só não possibilitou, mas facilitou enormemente, o desenvolvimento social. Deve-se também evitar identificar “estágios” evolucionários no uso da escrita. Os três sistemas de escrita – logografia, silabografia e alfabeto – são maximizados cada um por uma língua, sociedade e era determinadas. Os três sistemas não são graus de qualidade, nem estágios em um modelo de “evolução da escrita” (que não existe). São simplesmente diferentes formas que acomodam diferentes necessidades lingüísticas e sociais quando elas surgem (Diringer, 1968).

Ao contrário da opinião popular, a economia e a simplicidade não são as forças motoras por trás dos sistemas de escrita ou do desenvolvimento de uma escrita: senão, o brâmane índico, por exemplo, nunca teria “regredido” de um alfabeto consonantal simples para um sistema complexo com diacríticos em vogais, criando um amplo pseudo-silabário de sinais. Muito mais significativa na história da escrita do que a economia e a simplicidade é a precisão, maior realce fonético, resistência à mudança, não-ambigüidade, devoção e outros fatores em geral superficiais.

“Todas as escritas”, afirmou recentemente o historiador francês Henri-Jean Martin, “estão atadas à forma de pensamento da civilização que a criou e à qual seu destino está ligado” (Martin, 1994). Isso seria ótimo, se fosse verdade. Em vez disso, parece que nenhuma “forma de pensamento” autônoma subjaz qualquer civilização. Todas as escritas envolvem empréstimos e adaptações, e não “criação”. E o “destino” na verdade enterra a natureza prática das conveniências fonéticas perante os caprichos das suficiências sociais. Nessas sociedades nas quais o alfabetismo se restringia a um grupo seletivo, como no antigo Egito ou Ilha de Páscoa antes

da presença dos missionários, a escrita parece de fato ter pouco efeito (Sampson, 1985). Em sociedades nas quais o alfabetismo está bem difundido, no entanto, o impacto da escrita é profundo. Ele preserva a língua falada; eleva e padroniza, normatiza, enriquece e gera muitos outros processos ligados à língua com amplas implicações sociais (Fischer, 1999). Sociedades humanas avançadas, como o Primeiro Mundo, não podem existir sem a escrita. A aquisição do letramento se tornou, pelo menos entre a humanidade privilegiada, a questão mais importante depois do domínio da língua.

Se se pode tirar uma lição da história da escrita, é que a escrita não “evolui” gradualmente de desenhos mudos. Ela começou como expressão gráfica da fala e permaneceu assim por milênios. Isso parece estar mudando, no entanto. Estudos modernos revelaram que ler seqüências de caracteres ou letras – não escrevê-las – liga-as, na mente, diretamente com os pensamentos, contornando a fala. E computadores modernos agora estão escrevendo regularmente de um para o outro independentemente da mediação humana. Não são propriamente esses fenômenos, mas o novo entendimento que temos deles que empresta futuros significados ao papel, aparência e técnica da escrita.

Diglossia

Quando a língua escrita de um povo difere tão amplamente de sua língua falada que duas línguas separadas se mantêm, isso é *diglossia* (do grego *di* “dois” e *glōssa* “língua”). O fenômeno tem várias causas. Primeiro, só a língua culta se torna objeto de transmissão escrita numa sociedade que conhece as formas “correta” e “incorreta” da língua (De Silva, 1976). Em segundo lugar, o vernáculo continua a avançar como língua viva, mas a língua escrita se modifica muito mais lentamente ou mesmo nada – compare no inglês a ortografia de *laugh* com a pronúncia. Esta separação produz problemas semelhantes aos do calendário: ajustes periódicos precisam ser feitos para evitar confusão. Há ainda outros fatores retardando a mudança da escrita: tradição, estética, devoção, controle social, alfabetismo limitado e vários outros. O resultado desses processos, diglossia, tornou-se um sério problema social em algumas culturas modernas.

Diglossia envolve diretamente não o sistema de escrita ou a escrita em si, mas a língua que ambos transmitem, que não é mais uma língua falada. Isso não significa dialetos. Todos os sistemas de escrita, deficientes foneticamente como são, permitem pelo menos alguma variação dialética. Os australianos, por exemplo, escrevem *day* e dizem *die* (/dai/) – pois sabem que o *die* “correto” seria /dói/. Aqui, o alfabeto inglês permite regulação interna local. Só quando regras externas se intrometem (isto é, o inglês americano no australianos) acontece confusão. A diglossia representa essa confusão, mas de estilo e tempo.

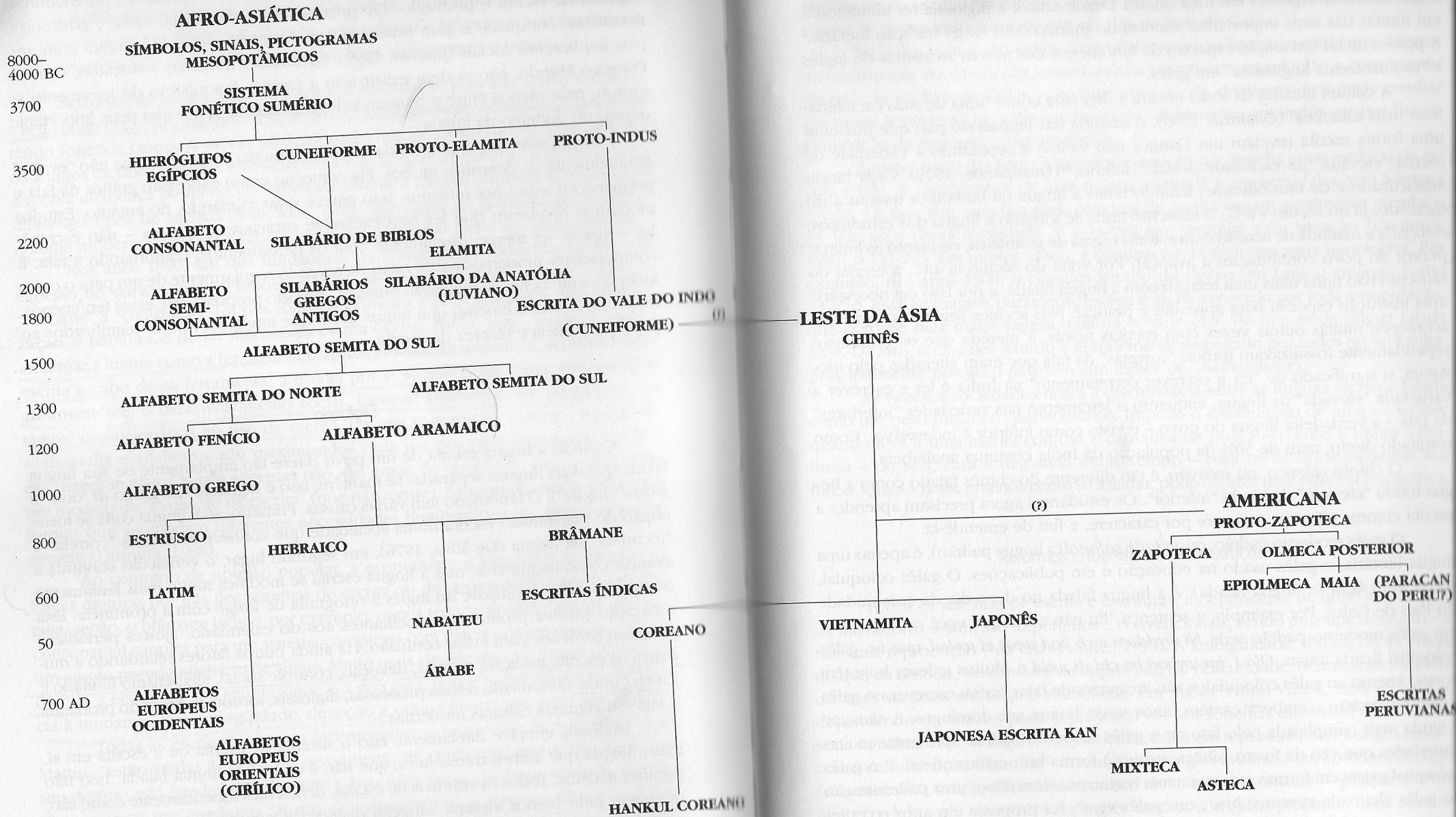


Figura 173 As três principais tradições de escrita: Afro-asiática, Leste da Ásia e Americana.

A diglossia foi pela primeira vez reconhecida há um século pelo classicista de Munique, Karl Krumbacher (Krumbacher, 1902). Quando estudava a relação do grego moderno com o grego clássico, Krumbacher identificou variedades de escrita e fala muito divergentes em uma língua. Desde então, a diglossia foi identificada em muitas das mais importantes escritas do mundo com longa tradição literária.¹ A prática inclui um amplo espectro de fenômenos dos triviais arcaísmos do inglês à “esquizofrenia lingüística” em galês.

A cultura literária da Índia encara a diglossia como “uma de suas características mais salientes” (Coulmas, 1989). A maioria das línguas do país que possuem uma forma escrita revelam um Ganges não vadeável separando a variedade de escrita “elevada” da variedade de fala “inferior” (Deshpande, 1979). Cada hindu alfabetizado é de fato bilíngüe, falando tanto a língua da biblioteca quanto a do mercado. Já no século v a.C., o sânscrito tinha se tornado a língua dos estudiosos, estudada e mantida de acordo com estritas regras de gramática, enquanto as línguas prakrit do povo continuaram a avançar. Por volta do século III a.C., a escrita do sânscrito não tinha mais uma relação com a língua falada, e por isso era necessária uma instrução especial para aprender e praticar. Nos séculos seguintes, o mesmo aconteceu muitas outras vezes com escritas novas, à medida que os estudiosos repetidamente fossilizavam formas “corretas” da fala que eram alteradas pelo uso. Agora, o significado de “ler e escrever corretamente” na Índia é ler e escrever a variedade “elevada” da língua, enquanto o letramento nas variedades “inferiores” da fala – a verdadeira língua do povo – é visto como inferior e indesejável. Como resultado direto, mais de 50% da população da Índia continua analfabeta.

O chinês clássico, ou *wényán*, é tão diferente do chinês falado como a língua hindu “elevada” da hindu “inferior”. Os estudantes agora precisam aprender a escrita chinesa clássica, caractere por caractere, a fim de entendê-la.

O galês moderno padrão, ou *yr iaith safonol* (a língua padrão), é apenas uma língua literária, o galês usado na educação e em publicações. O galês coloquial, ou *yr iaith lafar* (a língua falada), é a língua falada no dia-a-dia da comunidade do País de Gales. Por exemplo, a sentença “Eu não sabia que você o tinha visto” em galês moderno padrão seria *Ni wyddwn eich bod wedi ei weld*, que no galês coloquial ficaria assim: *O'n i 'im wybod bo chi di weld e*. Muitos galeses hoje têm acesso apenas ao galês coloquial, e são incapazes de falar, ler ou escrever no galês moderno padrão – embora cantem hinos nessa língua aos domingos. A situação é ainda mais complicada pelo fato de o galês moderno padrão apresentar muitas variedades que vão da forma bíblica arcaica à forma burocrática oficial. E o galês coloquial existe em formas extremamente regionais. Além disso, uma padronização do galês chamada *cymraeg byw*, ou “galês vivo”, foi proposta em anos recentes

1 Um dos melhores trabalhos gerais sobre diglossia é de Francis Britto, *Diglossia: A Study of the Theory with Application to Tamil*, Washington, DC, 1986.

como uma língua nacional não-regional que faria a ponte entre o padrão moderno e o coloquial. Essa nova forma está sendo rapidamente adotada pelos jovens, paulatinamente suprimindo o uso de outras formas regionais; e também está sendo mais usada na escrita. No entanto, o galês moderno padrão continua sendo a língua escrita de quase todo o ensino em escolas do País de Gales.

Na Índia, com o alto índice de analfabetismo, as línguas escritas que diferem marcadamente do vernáculo, continuarão a prevalecer, retardando o crescimento do país. Já no País de Gales, o recente sucesso do *cyumraeg byw* pode resultar em maior letramento no galês – junto com o letramento em inglês – e por fim na eliminação da diglossia completamente.

A maior parte das línguas apresenta uma grande brecha entre estilo(s) de escrita e fala. A característica de uma pessoa instruída é em geral falar bem a língua escrita. Os que têm uma fala mais próxima da escrita seriam geralmente membros da liderança dessa sociedade. É a escrita que permite essa situação (Coulmas, 1987, p.107-29). Em muitos casos, a eliminação da diglossia seria impossível. Por exemplo, nos anos 1300, o cingalês letrado do Ceilão (Sri Lanka) emergiu como padrão. Essa linguagem puramente escrita é ainda venerada por toda a população, que percebe nela maior beleza, cultura e “correção” do que as da língua falada hoje. De fato, o cingalês letrado é grandemente respeitado por todos no Sri Lanka, principalmente porque o país tem alto índice de analfabetismo.

Às vezes, a sociedade encara a discrepância entre as línguas escrita e falada como um peso histórico desnecessário. Impede o crescimento de uma sociedade quando leva a uma escrita confusa e cansativa de pouca serventia e muito trabalhosa – ou seja, cara e demanda muito tempo – para os usuários passarem aos filhos. Quando esse entendimento se alastrar, pode ocorrer uma reforma ortográfica.

Reformas ortográfica e de soletração

Todos os sistemas de escrita e escrituras, independente de quão respeitados ou inovadores sejam, são imperfeitos e convencionais, sendo uma aproximação – e não uma reprodução – da fala (Fischer, 1999). A ambigüidade, dúvida ou incerteza quanto ao sentido, decorrentes de imprecisão ou obscuridade, ocorre com frequência com sistemas silábicos e alfabéticos. Em inglês, como vimos, uma só letra *a*, dependendo do dialeto, pode representar até seis fonemas diferentes (os menores sons significativos). O inglês, em particular, falha em reproduzir supra-segmentais – como de entonação (*Yes? Yes!*), extensão (no inglês britânico *cot/cart*), acentuação (*désert/desért*), junção (*Van Dyke/vanned Ike*) e tom (*eee!dubhh*) – porque usa um alfabeto deficiente. Escritores do inglês tentam corrigir o problema com pontuação não-sistemática, espaço entre palavras, maiúsculas e outros dispositivos. No entanto, uma reprodução precisa do inglês como é falado simplesmente não pode ser escrita no alfabeto inglês padrão.

*Escritas
são só
aproximações
da
fala.*

Seria ideal que uma escrita alfabética pudesse representar todas as locuções fonêmicas. No entanto só os símbolos especiais da lingüística podem reproduzir quase exatamente as pronúncias, e esses são muito pesados para uso popular. Portanto, as escritas alfabéticas padrão em uso por todo o mundo constituem apenas aproximações convenientes, com muitas ambigüidades e enormes diferenças de pronúncia, não apenas entre línguas diferentes usando essencialmente o mesmo sistema e escrita (alemão e inglês, por exemplo), mas também entre diferentes dialetos da mesma língua (inglês britânico e inglês americano). Embora a eficácia demonstrável da escrita alfabética simples tenha assegurado sua adoção pela maior parte do globo, escritas morfemo-silábicas como a chinesa e a japonesa continuam a ser praticadas por uma grande parte da humanidade, que a preferem para suas respectivas línguas.

Será que a “reprodução precisa” da fala é desejável em um sistema de escrita? Provavelmente não. A difusão da compreensão internacional do inglês escrito, por exemplo, é assegurada pela manutenção da liberdade fonológica e outras. Ou seja, quanto mais solto o sistema, mais generalizada sua utilidade.

De qualquer maneira, ocorrem com freqüência mudanças na escrita e nos sistemas de escrita. Há dois tipos básicos: mudança gradual e abrupta. A gradual é quando alguém simplifica alguma coisa e outros copiam. Por exemplo, até 1960, as escolas no mundo da fala inglesa insistiam em manter os diacríticos, e agora *rôle* é *role*, *naïve* ficou *naive*, e *coöperate*, *co-operate* ou *cooperate* – e poucos parecem ter notado a reforma. Novas palavras são cunhadas constantemente também, alterando a pronúncia das que existem: *lite* para “de baixo nível alcoólico” é um exemplo recente, vindo de *light*. Esses ajustes e suplementações ortográficos menores são naturais, e são guiados pela aceitação geral.

Reformas abruptas são desencadeadas pelos governos (geralmente com sucesso) ou sociedades ou indivíduos particulares (geralmente sem sucesso). Essas mudanças são problemáticas e não naturais. Como o letramento geral é um pré-requisito do Estado moderno, a maior parte das sociedades modernas espera estimular a alfabetização simplificando a ortografia, e esta é a forma mais comum de reforma abrupta.

O inglês, por exemplo, é considerado uma língua que mereceria uma reforma ortográfica para ampliar o nível de alfabetização e reduzir o tempo de aprendizado. Após mais de duzentos anos de padronização cuidadosamente dirigida, a ortografia do inglês ainda não está completamente padronizada. Um dos problemas é a diferença entre o inglês do Reino Unido e o dos Estados Unidos, principalmente atribuída ao fato de a padronização ter começado de verdade só depois do estabelecimento da colonização na América. Embora o hiato entre os sistemas ortográficos esteja terminando, muitas diferenças sistêmicas se mantêm (Vejam os termos a seguir, os da esquerda pertencentes ao Reino Unido, da direita dos EUA): *litre/liter*, *colour/*

color, *marvellous/marvelous*, *worshipping/worshiping*, *traveller/traveler* etc. Duas ortografias são permitidas em ambas, mas com diferentes preferências: *spelt/spelled*, *learnt/learned*, *gaol/jail*, *practise/practice* (verbo), *encyclopaedia/encyclopedia*. Há também diferenças em palavras individuais que não são sistêmicas: *grey/gray*, *programme* (exceto em computação)/*program*, *licence/license* (substantivo), *defence/defense* e muitas outras. E mesmo o nome de uma letra pode ser diferente: *z* (zed)/(zee). *Spelt* e *learnt* está se tornando nos EUA *spelled* e *learned* – esta última agora indistinguível do adjetivo *learned* (raramente ainda escrito *learnèd*), com o significado de “erudito”. Terminações *-ise* e *-station* do inglês britânico estão agora se rendendo às terminações *-ize* e *-zation* do americano, mas não na Austrália ou Nova Zelândia onde o “s” predomina (A Nova Zelândia no momento está pensando em adotar a ortografia americana.)

As diferenças ortográficas entre o inglês do Reino Unido e dos Estados Unidos são menos numerosas quando comparadas com as diferenças lingüísticas. Tanto ortográfica como lingüisticamente, no entanto, as duas variedades estão convergindo para um Inglês Padrão Internacional compartilhado, uma língua emergente, no lugar de dois sistemas irmãos separados que o desenvolvimento histórico produziu no passado.

A ortografia do inglês tem maiores problemas do que variação internacional, incluindo o fato de ser um sistema com freqüência percebido como “esquisito” e difícil de aprender. No passado, só 24 sinais representavam 40 fonemas, assim, ter “dupla-função” é prática antiga no inglês. Depois da conquista normanda, os escribas normando-franceses, trabalhando em *scriptoria* e arquivos em solo inglês, começaram a ortografar palavras inglesas à moda francesa. A tipografia mais tarde introduziu normas lingüísticas; chegou mesmo a acrescentar letras a determinadas palavras (como o *e* em *write*) meramente para esticar uma linha impressa até a margem. A tipografia também petrificou a ortografia, enquanto o inglês falado continuou a mudar (*light* atualmente preserva só na ortografia um som antigo indoeuropeu, já desaparecido no inglês). Ortografias no latim e no grego se tornaram modismos, usando muitas letras que nem se pronuncia em inglês. E um grande número de palavras estrangeiras entrou no léxico, particularmente nos anos 1500 e 1600, com outras ortografias incompatíveis com a norma inglesa.

A ortografia do inglês é, portanto, híbrida – produto das tradições “anglo-saxã”, francesa e clássica, com muitas influências estrangeiras. Pode-se sugerir qualquer número de categorias de anomalias ortográficas sistêmicas na língua inglesa, algumas delas se encaixando em mais de uma categoria e todas complicando o processo de aprendizagem de leitura e escrita do inglês. Em muitas das palavras a seguir (e a lista pode ser facilmente aumentada) a língua visível – a palavra escrita – pode imediatamente colocar uma palavra foneticamente ambígua no seu lugar adequado, melhorando a adequação da fala. Em outros casos, a palavra escrita não pode transmitir adequadamente a distinção inerente na língua falada.

Categoria 1 – mesma ortografia, mesma pronúncia, significados diferentes:

bear – urso; carregar, ostentar

can – lata; poder, ser capaz

row – enfileirar; remar [também classificado nas categorias 2 e 3]

Categoria 2 – mesma ortografia, pronúncia diferente, diferentes significados:

read – ler (infinito do verbo); leu (passado do mesmo verbo)

row – enfileirar; tumultuar

tear – lágrima; rasgar

Categoria 3 – ortografia diferente, mesma pronúncia, significados diferentes

roe/row/rbo/Rowe

so/sew/sow/sob

way/whey/weigh

Categoria 4 – mesma ortografia (mas com distinção de maiúscula e minúscula), mesma pronúncia, significados diferentes

Faith/faith

Rugby/rugby

Sue/sue

Categoria 5 – a mesma ortografia (com diferente pontuação), mesma pronúncia, significados diferentes

cbills/cbill's

its/it's

were/we're

Categoria 6 – mesma ortografia (com pontuação diferente), pronúncias diferentes, significados diferentes

coop/co-op

coward/co-ward

learned/learnèd

Categoria 7 – mesma ortografia, pronúncias diferentes (independente do dialeto), mesmo significado

Data (pronúncia em português) /deita/ /deta/ ou /data/

Além disso, a ortografia em inglês tem uma redundância de aproximadamente 50% - *wcb mns th abt hf of th ltrs n a rtn English sntnc r uncsry to achv fl cmprhnsn, mst of ths bng vvl.* [which means that about half of the letters in a written English sentence are unnecessary to achieve full comprehension, most of these being vowels]. (O árabe e o hebraico escritos há muito vêm explorando o princípio do alfabetismo consonantal com grande sucesso.)

Apesar das falhas (e falta de fôlego), a ortografia do inglês é ainda fundamentalmente fonêmica – isto é, usa os menores sons em inglês. No entanto, os fonemas nem sempre se apóiam em letras individuais, mas com frequência ocorrem em padrões de letras. Assim como com os elementos significantes (identificadores de sentido) chineses, a ortografia em inglês mantém sugestões visuais, geralmente através das chamadas “letras desnecessárias”, em palavras com raízes relacionadas – como em *sign* e *signature* – bastante distintas de sua pronúncia, permitindo rápida identificação visual do sentido da palavra sem recorrer à fala. A língua falada continua a se afastar da escrita, e assim os professores de inglês continuarão tendo de explicar aos alunos por que *would of* e *'cause* devem ser escritos “would have” e “because”.

As mudanças graduais na ortografia que acompanharam a história do inglês escrito foram suficientes para a maioria dos propósitos. No entanto, nem todos concordaram com isso. Já em 1551, o inglês John Hart reclamava dos “vícios da escrita em inglês que tornavam a aprendizagem trabalhosa e a leitura difícil”. Ao longo dos séculos, muitas ortografias alternativas foram propostas. Em particular nos anos 1800 emergiram três tipos básicos de reforma abrupta: *padronização*, exigência de um uso mais regular das letras familiares; *suplementação*, acréscimo de novas letras do alfabeto; e *suplantação*, criação de novas letras.

A partir de 1828, o americano Noah Webster começou a reformar a ortografia nos Estados Unidos, com uma padronização popularizada por seu próprio dicionário de inglês americano; entre outras mudanças, ele introduziu essas novas terminações: *-our* (como em *honour*) passou para *-or* (*honor*), e *-re* (*theatre*) se tornou *-er* (*theater*). Em 1844, Isaac Pitman propôs uma “Phonotypy” (“fonotipia”)* na Grã-Bretanha. Os americanos fundaram a Spelling Reform Association (Associação de Reforma Ortográfica) em 1876; a Simplified Spelling Board (Junta de Ortografia Simplificada) foi fundada em 1906 e a Simplified Spelling Society (Sociedade para Ortografia Simplificada) em 1908 na Grã-Bretanha. Esta última apresentou uma reforma ortográfica padronizada como projeto de lei no Parlamento em 1949 que foi derrotada por 87 a 84. Quatro anos mais tarde, projeto semelhante finalmente passou – mas sucumbiu diante do Ministro da Educação.

Propostas de reforma correntes incluem uma Nova Ortografia, Simplificação da Ortografia, Regularização do Inglês e Ortografia Inglesa Internacionais, entre outras. George Bernard Shaw (1856-1950) deixou uma importância em seu testamento para o Public Trustee of Great Britain (Curador de bens de terceiros da Grã-Bretanha) promover licitação para uma “Proposta de um Alfabeto Britânico” de pelo menos quarenta letras novas (deveria ser uma reforma de suplantação), que permitisse

* Sistema de escritura fonética, no qual cada som é representado por um sinal próprio e único. (N.T.)

escrever em inglês sem grupos de letras – ou diacríticos – para sons individuais. O projeto vencedor, de Kingsley Read era engenhoso... mas foi esquecido.

Uma reforma ortográfica do inglês pode trazer vantagens, como a redução de tempo de estudo que estimularia a difusão internacional da língua. Parece, porém, que as desvantagens são mais numerosas: pouca praticidade, perda da tradição, custo, ortografia fonética criando ambigüidade demais entre dialetos (lembramos do australiano “die”) e perda de marcas etimológicas (*sign/signature*), falta de consenso sobre que tipo de reforma seria a melhor etc. Além disso, o inglês não é tão irregular quanto se alega com freqüência. Um estudo mostrou de 84% das palavras em inglês eram soletradas normalmente de acordo com seu uso regular, e apenas 3% (cerca de quatrocentas das palavras mais escritas) eram tão imprevisíveis que tinham de ser aprendidas por repetição (Hanna e Hanna, 1971).

O francês escrito mantém muitas ortografias históricas, que com freqüência são consideradas “desnecessárias”. Por exemplo, *-s* e *-t* no final das palavras com freqüência não são pronunciadas: *les garçons* (“os meninos”) e *petit garçon* (“menininho”). No entanto, antes de vogais, elas são pronunciadas, como em *les élèves* (“os alunos”) e *petit élève* (“pequeno aluno”). No primeiro exemplo, o *-s* e *-t* não pronunciados parecem não ter qualquer função; no entanto, são lexemas de marcação gráfica – isto é, estão fornecendo informações visuais para reconhecimento da palavra além da realidade fonética. As letras “desnecessárias” do francês escrito quase sempre são necessárias, por esta razão.

O conflito entre “deficiência ortográfica versus regulação sistêmica” também é travado no alemão, em que também ocorre resolução semelhante. A ortografia alemã simplesmente ignora a regra das terminações surdas: *Hund* (“cão”, pronunciado HUNT, com “h” aspirado), mas o plural é *Hunde* (“cães”, HUNDÊ – “h” aspirado). Também ignora a parada glotal em frente de vogais de início e entre junção de vogais: (*’)alles* (“todas”) e *The(’)ater* (“teatro”). Os alemães simplesmente “preenchem o necessário” quando lêem em voz alta. As regras de surdas e glotais estão em todo o sistema, por isso não há necessidade de marcá-las, especialmente na escrita alemã. “Fidelidade fonética” não tem sentido aqui.

No entanto, a ortografia alemã tem outros problemas. De um lado, as convenções da Áustria diferem das da Alemanha, embora não tanto quanto as americanas das britânicas: na Alemanha é *Abnutzung*, na Áustria é *Abnützung* (erosão); na Alemanha, *karätig*, na Áustria *karatig* ([24] quilates); na Alemanha, *fauchen*, na Áustria, *pfauchen* (“assobio”) etc. A maior parte das diferenças são pequenas e só esporádicas. E a maior parte surgiu com a recente reforma ortográfica na Alemanha, a primeira em quase um século.

Em 1º de julho de 1996, depois de anos de cuidadoso planejamento, delegados oficiais representando nações de fala alemã se reuniram em Viena e assinaram a Joint Declaration Towards a Reform of German Orthography (Declaração Conjunta para a Reforma da Ortografia Alemã). A intenção declarada era simplificar,

por meio de reforma de padronização, o aprendizado do alemão escrito e alterar as regras aprovadas pela Second Orthographic Conference (Segunda Conferência Ortográfica) realizada em Berlim em 1901 para se ajustar às exigências modernas. Afetando diretamente mais de cem milhões de leitores e escritores em muitos países – mas principalmente na Alemanha, Áustria e Suíça – a reforma não tinha intenção de mudar drasticamente a escrita tradicional alemã derivada, como o inglês, do alfabeto latino. Em vez disso, concentrou-se em eliminar violações contra os princípios das raízes de palavras no alemão, buscando manter a mesma ortografia de uma raiz em todas as possíveis combinações de sua ocorrência escrita, para facilitar a identificação visual (como no exemplo em inglês *sign/signature*, antes mencionado). Muitas outras mudanças ortográficas e convenções de escrita foram efetuadas também, como *ss* para o antigo *ß* em todas as instâncias, ou a separação geral de compostos verbais. Desta forma, o antigo *Stengel* (“haste”) se tornou o novo *Stängel* (da raiz *Stange*, “vara”), o antigo *Kuß* (“beijo”) se tornou o novo *Kuss*, o antigo *kaltbleiben* (“imperturbável”) se tornou *kalt bleiben*.

Nem todo mundo ficou satisfeito com a reforma. Além de um caos na ortografia, ela causou, segundo apontaram imediatamente os críticos, perda da importância das distinções na língua alemã. Por exemplo, uma é agora escrever *kalt bleiben* para o que antes era *kalt bleiben* (“permanecer frio [tempo]”) ou *kaltbleiben* (“permanecer imperturbável”). Antes da reforma, a ortografia alemã usava espaço/não-espaço para marcar distinções semânticas. Como a nova ortografia só usou o espaço em compostos do verbo, ela aumentou a ambigüidade neste e em outros casos. Os humoristas fizeram a brincadeira: se *Stengel* precisa ser *Stängel*, disseram eles, Berlim não deveria se tornar *Bärilin*? (*Bär* é “urso” em alemão). Um ano depois da introdução da reforma, a maioria das publicações em língua alemã voltava para o velho sistema, queixando-se da grande confusão e ambigüidade resultantes.

“A ‘falácia fundamental’ de todas as reformas ortográficas”, afirmou certa vez Sir Alan Herbert no Parlamento Britânico, “é que a função da palavra impressa ou escrita deve representar a palavra falada. A verdadeira função da palavra impressa ou escrita é de transmitir o sentido, e de transmitir o mesmo sentido para o maior número possível de pessoas” (Steinberg, 1961). Os autores de reformas ortográficas em geral se valem da língua falada sem avaliar a posição, características e benefícios especiais da língua escrita, que são inteiramente diferentes. Os sistemas de escrita geralmente são de dois tipos: “fonográfico raso” ou “fonográfico profundo” (Sampson, 1985). Como as línguas mudam ao longo do tempo, ao passo que a inércia inerente à escrita leva ao conservadorismo, “raso” automaticamente se torna “profundo”. Quando isso acontece, não é realmente necessário mudar a ortografia, uma vez que as mudanças na língua falada já têm marcadores sistêmicos inatos que permitem leitura e escrita fluente. A maioria dos fonólogos produtivos – lingüistas que acreditam que as línguas são analisadas em termos de dois níveis de organização, vistas como *estrutura profunda* e *estrutura superficial* – estão

convencidos de que, no processo de leitura e escrita, o cérebro humano aplica determinadas regras a um léxico mental superando com facilidade ortografias que estariam "incorretas". Uma reforma maior da ortografia poderia ser um tiro pela culatra: ao introduzir aspectos incompatíveis com padrões internos desenvolvidos ao longo do tempo, pode-se criar maior ambigüidade. Para os que advogam a reforma da ortografia do inglês a fim de "aprimorar" o acesso à língua, os fonólogos produtivos respondem, contrariando-os: "a ortografia convencional do inglês é... um sistema quase perfeito de representação léxica das palavras do inglês" (Chomsky e Halle, 1968).

É verdade que a maior parte das escritas alfabéticas apresenta um déficit quanto às vogais de suas respectivas línguas. Isto porque os fonemas vocálicos da língua quase sempre superam as letras disponíveis do alfabeto, forçando "dobrá-las" (como o *a* em inglês que já vimos). No entanto, a maior parte das escritas alfabéticas consegue assumir um compromisso entre a língua falada e escrita, entre "precisão da boca e inteligibilidade da mente" (Robinson, 1995). Reformas abruptas raramente são necessárias nas escritas alfabéticas, porque elas, usando dispositivos como ajustes e redundâncias graduais, são capazes de manter a compreensão e utilidade durante muitos séculos.

Um dos maiores, e menos conhecidos obstáculos para uma reforma ortográfica bem-sucedida é o fracasso de lidar com a dicotomia essencial entre a leitura e a escrita, julgando que ambas são um processo único. Na verdade, leitura e escrita são diferentes processos mentais. Escrita é ortografia e muitas pessoas que se expressam perfeitamente lêem mal, enquanto muitos que lêem bem expressam-se mal. Isso porque esses processos envolvem estratégias diferentes de absorção no cérebro humano. A escrita é uma atividade lingüística ativa que demanda os componentes visual e fonético, invocando diretamente a essência fonológica. A leitura é uma atividade visual passiva, ligando a arte gráfica diretamente ao sentido, com frequência desviando-se inteiramente da fala. Nenhuma reforma ortográfica poderia reconciliar adequadamente habilidades neurais tão díspares.

Estenografia, símbolos e "linguagem visual"

Taquigrafia

A estenografia ou taquigrafia é um método de escrever rápido, usando símbolos especiais ou abreviações para letras ou palavras. É uma categoria diferente de escrita, porque limitada a certas circunstâncias – a rápida preservação de curto prazo da fala – e a certos praticantes. É uma prática antiga. O historiador grego Xenofonte (c.430-354 a.C.) escreveu as memórias de Sócrates em taquigrafia. O cidadão romano Marco Túlio Tiro criou uma taquigrafia para registrar os discursos de Cícero, em 63 a.C.; esta versão latina foi usada por mais de mil anos. Ignorada durante a Idade Média, a taquigrafia só foi retomada nos anos 1500. Um século

mais tarde, vários sistemas foram inventados para uso de escola e igreja. Durante a Revolução Industrial dos anos 1700 a taquigrafia beneficiou trabalhos de escritório, e nos anos 1800 foram criados os principais sistemas, que vigoram até hoje. Os dois mais populares em inglês são o de Isaac Pitman – sistema britânico principal – e o de John Robert Gregg – sistema principal dos EUA, também usado para várias outras línguas.

Mais de quatrocentos sistemas taquigráficos foram criados só para o inglês. Hoje, o uso mais comum é na imprensa e em trabalhos clericais ou de secretaria. Normalmente, cerca de 65 letras são usadas: 25 consoantes individuais, 24 consoantes duplas e 16 vogais (embora a maior parte das vogais sejam omitidas, pois sua presença é geralmente óbvia). A máquina de taquigrafia, inventada pelo repórter americano de tribunal, W. S. Ireland em 1906, é principalmente usada para registrar textos de procedimentos legais e encontros legislativos. Poucas pessoas dominam a taquigrafia, cujo uso diminuiu em anos recentes em vista de novas tecnologias.

Alguns estudiosos se perguntam se a escrita alfabética não poderia se tornar mais eficiente se fossem introduzidos mais logogramas para criar um sistema misto como o da escrita morfema-silábica chinesa. O filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) acreditava que era possível se elaborar uma escrita universal, dissociada de qualquer das línguas naturais faladas no mundo; assim como com a matemática e a música, ela poderia ser implementada universalmente. Esse tem sido há muito um sonho dos que não entendem a dependência fundamental que os sistemas de escrita têm da fonografia. A escrita sempre foi e sempre será ligada à língua. Cada língua na história elaborou, por meio de empréstimos, a escrita que “melhor” reproduzia seus sons particulares. Mesmo os antigos hieróglifos egípcios contêm um considerável componente fonético indispensável para evitar ambigüidade.

Com o início da popularização das viagens internacionais nos anos 1970, todos os países perceberam uma necessidade de comunicar procedimentos essenciais usando símbolos que são universalmente óbvios – isto é, pictogramas em vez de caracteres ou sinais da linguagem (as letras). Um importante estudo americano foi efetuado nessa época e selecionou símbolos eficientes para identificar objetos como ônibus, táxi, mulher, homem. Menos eficientes eram os ícones ligados a atividades, por exemplo: guichê de bilhetes, controle de alfândega e controle de passaporte; esses eram ambíguos demais. A conclusão geral foi que os símbolos eram úteis, mas capazes de comunicar apenas um número limitado de coisas. Tendo isso em mente, a escrita simbólica internacional começou a ser introduzida no mundo todo. Não se buscou “retornar à escrita pictográfica”, mas criar uma suplementação útil da escrita normal em jurisdições internacionais – aeroportos, portos, estações de trem etc. – usando um “léxico” restrito facilmente identificável de objetos e situações.

A busca
da líng
gua
universal
real

Símb
los us
ensar

algamb evon

Alguns pesquisadores modernos agora procuram uma maneira de adicionar esse sistema incipiente no sistema de escrita universal de Leibniz, acreditando que será possível construir uma pictografia não-lingüística para substituir a escrita como a conhecemos. Esses pesquisadores afirmam que texto e imagem evoluíram independentes em nossa cultura, de uma forma que podem ser vistos juntos como uma linguagem autônoma: uma “linguagem visual” (Horn, 1998). Isso não seria a escrita-simbólica de aeroportos e estações de trem, observam eles, mas um casamento entre o visual e a escrita, um fenômeno híbrido separado. O processo de apresentação visual-textual pode ser um meio mais eficiente de transmitir idéias complexas do que nossa prática corrente, na medida em que nos permitirá enfrentar melhor a inundação de dados escritos com que as pessoas têm de lidar diariamente. A linguagem visual poderia alcançar isso reduzindo o tempo de digerir esse material complexo, dizem eles.

Encarando a sobrecarga de informações não como um problema de volume, mas como uma questão de manejo, esses pesquisadores querem transmitir de forma simples idéias complexas. Insistem que isso pode ser alcançado, pois seria mais do que mera combinação de palavras e imagens, quadros e cronogramas. Se tornarmos a linguagem visual uma verdadeira linguagem – isto é, com regras formais de sintaxe e semântica – ocorreria, segundo eles, uma liberdade na expressão dessas regras que as linguagens comuns não apresentam, conferindo à linguagem visual uma força exclusiva. A conclusão mais significativa dos que propõem a linguagem visual é que as imagens e sua colocação padronizada no texto de fato ajudam a transmitir idéias complexas de modo mais simples do que a escrita convencional. Isso se explica, afirmam alguns, pelo fato de que o cérebro humano usa diferentes caminhos para processar informação verbal e não-verbal – um leitor usando ambos os canais imediatamente entenderá mais e mais depressa e será capaz de se lembrar melhor.

A linguagem visual agora está, de fato, presente em toda parte. A maioria de nós nem percebe, inconsciente de sua existência e de sua crescente infiltração na sociedade moderna. Sentados simplesmente em nossos carros, somos cercados pela linguagem visual: hodômetro, velocímetro, aferidor de gasolina, indicador de bateria, sinalização de cinto de segurança, programação do rádio, indicador de temperatura etc. A maior parte disso vem com texto (letras, números) “lidos” como linguagem visual, não como texto falado. Dessa forma, uma enorme quantidade de informação pode ser processada quase instantaneamente. A fraqueza da linguagem visual é ser frágil em termos de detalhes e precisão. Certamente não pode transmitir o amplo leque do pensamento humano. No entanto, principalmente pela nova tecnologia, a linguagem visual se mostrou uma suplementação essencial para completar a escrita. Com ela, os sistemas de escrita do mundo adquiriram uma nova dimensão.

*lingua-
gem
visual
melho-
rante
a es-
crita,
comple-
mentar
do -a*

O futuro da escrita

Eficiência e simplicidade não determinam o futuro de uma escrita – prestígio e poder dos que a usam, sim. As línguas evoluem naturalmente; sistemas de escrita e escrituras não. As escritas e seus sistemas são intencionalmente empregados, mudados e abandonados, principalmente por razões sociais e psicológicas, que pouco têm a ver com fala ou ortografia. Assim, descendentes de escritores dos antigos hieróglifos e escrita cuneiforme agora usam o alfabeto consonantal árabe. E os povos que entalhavam e pintavam os glifos logossilábicos da Mesopotâmia agora escrevem numa escrita alfabética que os romanos antigos usavam. Nenhuma dessas instâncias configura o triunfo de um sistema de escrita “superior”.

A política desempenhou um papel destacado na história da escrita. No início dos anos 1800, por exemplo, a Rússia adquiriu o Azerbaijão, cujo povo escrevia no alfabeto consonantal árabe. Por volta de 1929, Joseph Stalin, suspeitando da lealdade dos azerbaijãos, rapidamente procurou fazê-los abandonar o alfabeto árabe pelo latino. No entanto, por volta de 1930, Stalin ficou convencido de que os azerbaijãos estavam se articulando com os turcos, que tinham recentemente adotado o alfabeto latino, e então ordenou que os azerbaijãos adotassem o alfabeto russo cirílico. Os cidadãos de Azerbaijão de hoje, país independente desde 1991, escrevem sua língua nacional usando duas escritas: todos os letreiros de rua e rótulos de mercadorias estão no alfabeto latino, enquanto os jornais estão no alfabeto cirílico (o árabe desapareceu). O atual governo do Azerbaijão planeja estimular um uso maior do alfabeto latino para refletir a declarada abertura não-sectária do país.

Outras formas de escrita sobreviveram por razões mercenárias. A maior parte dos países tem uma lei insistindo que a data de produção dos programas apresentados seja divulgada na rede de rádio e TV. Em países ocidentais, pelo menos, a data da produção de programas para a TV e filmes é anunciada em numerais romanos, simplesmente, porque poucas pessoas podem lê-los e assim ficam impedidas de perceber quanto antigo o programa é – como confessou um produtor britânico recentemente.²

Apesar de esse tipo de coisa ser imprevisível, certas tendências podem ser reconhecidas para um futuro da escrita. Embora muitas direções e orientações da escrita se mantivessem no passado – linhas da direita para a esquerda, no plano vertical de cima para baixo, espirais, bustrofédon (escrita randômica) e muitas mais – paulatinamente os sistemas de escrita do mundo (incluindo o chinês, coreano e japonês) estão sendo escritos imitando o arranjo latino, horizontalmente, da esquerda para a direita, e em linhas unidirecionadas, começando do alto da página e descendo. Evidentemente essas serão as únicas convenções de escrita da Terra em alguns séculos, ainda que algumas escritas (como árabe e hebraico) venham a preservar sua tradição de escrita da direita para a esquerda, enquanto forem escritas.

² *New Scientist*, 12 de fevereiro de 2000.

Mais importante que isso para o futuro da escrita é o avanço do alfabeto latino, que começou com as conquistas do Império Romano há dois mil anos e agora se acelera como nunca antes. Isso tem pouco a ver com a alfabetização latina de linguagens até agora sem escrita, preservando-as como se preservam espécies numa floresta tropical em perigo, uma atividade periférica. As principais línguas metropolitanas do planeta – chinês, inglês, espanhol e português, faladas pela maior parte da humanidade e por isso fadadas a sobreviverem nos próximos quatrocentos anos – determinarão o futuro da escrita, o qual aparentemente, pelo menos no começo da era do computador, será latino-alfabético.

Isto tem inúmeras explicações. Em primeiro lugar, três dos idiomas citados já usam o alfabeto latino, e a China está estimulando o uso do Pinyin (escrita chinesa em alfabeto latino; ver Capítulo 5). Além disso, uma só língua internacional, o Inglês Internacional Padrão, está emergindo, sendo escrito em alfabeto latino. E o computador, desenvolvido por uma cultura que usa alfabeto latino, está redefinindo nosso mundo moderno nessa escrita; quem quiser usar a ferramenta precisa dominar seu teclado.

Os computadores e o acesso à rede são mais bem operados no alfabeto latino, principalmente porque sua invenção e difusão, com procedimentos baseados em escrita, ocorreram nele. Outros alfabetos, e mesmo sistemas de escrita inteiros, podem evidentemente ser programados. No entanto, permanecerão periféricos uma vez que são em geral estranhos ao sistema e incompatíveis com a linha da computação e da Internet – isto é, com o alfabeto latino que a maior parte do mundo está usando para essa atividade. Se o futuro estiver com sociedades e economias apoiadas na informática, então sistemas que não sejam latino-alfabéticos terão de se adaptar ou sofrerão conseqüências econômicas e sociais. Em outras palavras, os computadores estão “pressionando” o mundo a se romanizar.

O alfabeto latino certamente não é o auge, mas sem dúvida é a crista da escrita. Só ele está atendendo às exigências, sem precedentes, do mundo moderno, deixando todos os outros sistemas de escrita e escrituras para trás – aqueles que escolherem usar e se juntar à nova tecnologia serão os que sairão lucrando. Neste ponto da história, de fato é uma escolha incontestável, dirão alguns, um ultimato, compreensivelmente fazendo emergir em muitos povos, sentimentos semelhantes aos de perder a língua nativa. No entanto, como com o Pinyin chinês, a romanização não equivale a uma adoção da língua global, com perda de “identidade” étnica e lingüística. Pelo contrário, tanto a cultura quanto a língua são preservadas pela romanização, por meio da capacitação ou continuação de leitura e escrita da respectiva língua, que de outra forma talvez se submetesse a um agressor metropolitano. Nesse caso, uma reforma de suplementação se torna um mecanismo social essencial para a preservação da cultura... a realidade que os chineses estão confrontando no presente.

É possível, no entanto, que a tendência de escrita única para o mundo se torne no final um suporte do “imperialismo” do inglês. Cerca de quatro mil

Alfabeto
latino
no e
sua
história

línguas são faladas no presente; em cem anos, talvez restem apenas mil (Fischer, 1999). Todas as línguas metropolitanas estão invadindo rapidamente línguas não-metropolitanas, sendo o inglês, aparentemente, mais agressivo do que outras, por várias razões. A romanização poderia por fim participar desse processo histórico. Embora os chineses defendam ativamente a romanização e os japoneses usem *rōmanji* com crescente frequência, falantes do árabe e do hebraico dificilmente se romanizarão, principalmente por razões religiosas e práticas: sem vogais, a escrita árabe pode transmitir um número muito maior de dialetos do que a latina, que tem alfabeto completo. Muitas culturas poderão ter duas escritas no futuro, usando a escrita tradicional para necessidades locais e o alfabeto latino para o resto. Em dois ou três séculos, só um pequeno número de sistemas de escrita e escrituras minoritários dominará o planeta. Será a Escrita do Mundo.

Um livro publicado em 2301 será provavelmente quase idêntico, na aparência, a este aqui, em qualquer suporte que venha a aparecer: o mesmo sistema alfabético com as mesmas letras na mesma direção e orientação, e mesmo em tipos *Roman*. Só a linguagem parecerá “esquisita”, com várias palavras desconhecidas. De fato, o aumento do uso internacional e, a seu tempo, interplanetário do alfabeto latino vai significar fossilização acelerada. Com o tempo, assim como aconteceu com os hieróglifos egípcios, a Escrita do Mundo se tornará um monólito escrito.

O uso da escrita na sociedade, no entanto, mudará dramaticamente. Como resultado do computador pessoal, pode-se testemunhar a transformação já agora. Um número cada vez maior de pessoas está despendendo mais horas por dia usando linguagem escrita – isto é, o teclado – do que a linguagem falada (ibidem). *(Compador aumen- Tador do m da escri* Isso é especialmente válido para estudantes, funcionários de escritório, jornalistas, editores, escritores, pesquisadores, programadores de computação, aposentados etc. (Na Idade Média, apenas escribas que constituíam uma pequena porcentagem da população, eram encontrados no *scriptoria*.) Em poucos anos, os computadores estarão enriquecendo quase todas as casas do mundo desenvolvido. A vida humana nesses países está se centrando, e se restringindo, a textos eletrônicos e redes internacionais, afastando-se da fala. Logo, a linguagem escrita pode vir a ser mais proeminente no mundo todo do que a falada. Um tipo diferente de língua está surgindo dessa interface artificial: uma “linguagem escrita oral” ocupando uma posição especial entre a linguagem falada e escrita (Tella, 1992). Os computadores agora se comunicam regularmente entre si também, através da escrita – isto é através de linguagens programadas escritas – sem a mediação humana. A escrita, desta forma, transcendeu a própria humanidade. Nós redefinimos o próprio sentido de “escrita”.

No início dos anos 2000, à medida que um número de sistemas de escrita e escrituras vem diminuindo, a quantidade de escrita está se elevando e a dos materiais e técnicas de escrita se amplia. *Letterings* a laser digitam nossa correspondência. Escritas holográficas a céu aberto decoram concertos ao ar livre. “E-tinta”, tinta eletrônica que preenche uma página composta de esferas microscópicas – um

hemisfério com uma carga positiva e outra negativa – mudando de cor quando submetida a um impulso eletrônico, pode agora instantaneamente transformar a Bíblia, por exemplo, em *Bhagavad Gita* com o clicar de um mouse. Até bem recentemente, nossa sociedade e seus processos econômicos fundamentais dependiam grandemente da multiplicação de coisas físicas, como a palavra impressa. Isso não procede mais, e o que está substituindo é um território desconhecido. Nós estamos não apenas redefinindo a escrita mas reinventando seu lugar na sociedade.

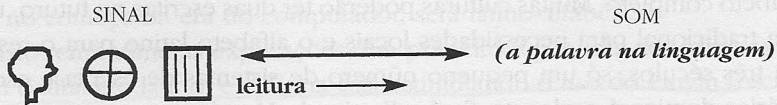


Figura 174 O futuro da escrita: Só a leitura restará? (Compare com Figura 14,16.)

Algumas pessoas acreditam que não haverá lugar para a escrita no futuro. Ao mesmo tempo que o texto eletrônico sobrepuja a imprensa física, a escrita é desafiada: sistemas de informática de reconhecimento de voz poderiam por fim substituir toda a escrita, deixando apenas uma das flechas – a da leitura (Figura 174). Mas mesmo a leitura pode desaparecer quando os sistemas de resposta de voz por computador forem aperfeiçoados. Então ninguém mais precisará escrever seu próprio nome... ou ler um poema.

No entanto, os benefícios e prazeres da leitura e da escrita provavelmente superarão os dos sistemas de reconhecimento de voz do computador por muitos séculos, porque a escrita é inata na maior parte das culturas letradas. As sociedades modernas, em toda parte, são dependentes da palavra escrita para quase todos os aspectos da interação humana. O comandante de uma nave espacial do ano 2400 pode depender de comandos e respostas de voz, interagindo com o computador central da embarcação; mas espera-se que, na sua privacidade, ele abra um volume de Whitman, Bashō ou Cervantes, igualzinho ao que lemos hoje.

Esse comandante de nave espacial pode ser o mesmo que vai recuperar tentativas da humanidade de se comunicar com alienígenas por meio da escrita. A espaçonave Pioneer 10, lançada em 1972, conduzia em sua antena uma chapa de alumínio de ouro anodizado de 15 por 23 cm (Figura 175), desenhada pelo astrônomo americano Carl Sagan e “escrita na única língua que compartilhamos com os receptores: ciência”. Agora, alguém de nosso sistema solar, o “texto” da chapa identifica com precisão a origem da embarcação, sua data em relação à galáxia Via Láctea (em 1970) e seus criadores (dos dois gêneros). A inscrição na chapa não utiliza escrita completa como a conhecemos, mas pictogramas e sinais pulsáteis, transmitindo o que deveria ser, pelo menos de acordo com cientistas, uma “mensagem universalmente compreensível”. Curiosamente, observou Sagan, “os seres humanos são a parte mais misteriosa da mensagem”.

É possível que quando a chapa da Pioneer 10 for descoberta ou recuperada, pouco terá mudado radicalmente na relação fundamental da humanidade com a escrita. Os que tiverem inteligência e entendimento vão perceber que, como escreveu o lingüista Florian Coulmas, “As habilidades de ler e escrever dão acesso ao conhecimento, e conhecimento é poder” (Coulmas, 1989).

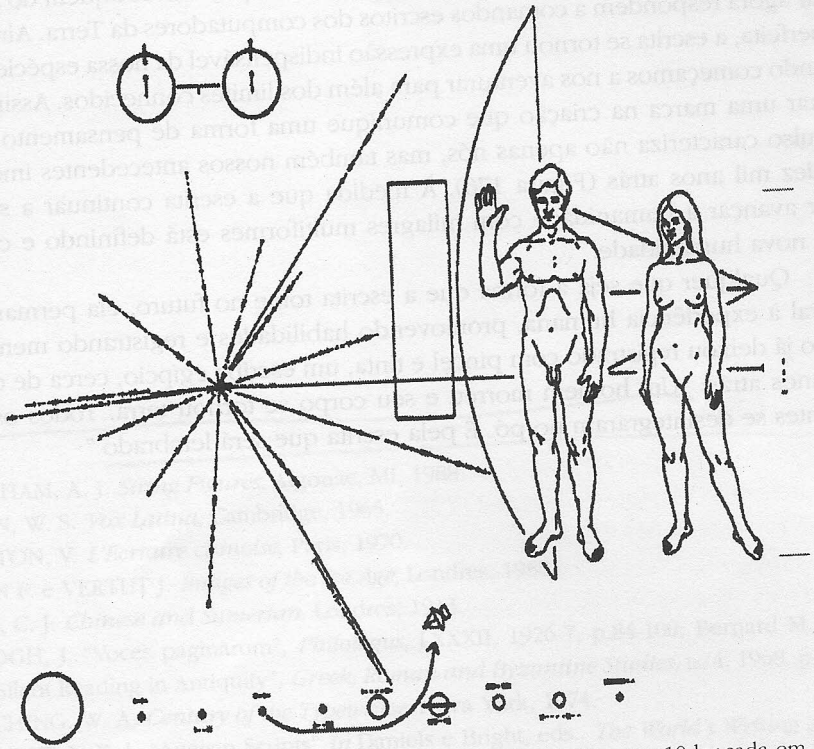


Figura 175 Epístola intergaláctica da humanidade: a inscrição da Pioneer 10 lançada em 1972.

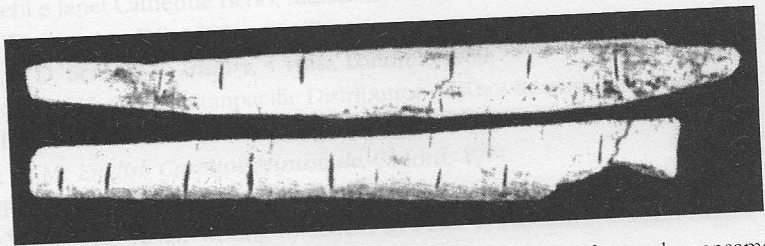


Figura 176 “Deixando uma marca na criação que comunique uma forma de pensamento”: Pedacos de ossos de pássaro entalhados em intervalos regulares por neandertais, por volta de trinta mil anos atrás.

Assim, escrever é muito mais do que a “pintura da voz”. No monastério Pe-llkor Chode em Gyangze, no Tibete, peregrinos ainda rastejam sob pilhas de textos sagrados como fizeram por séculos, num gesto que se acredita permitir absorver a sabedoria das escrituras budistas. Estudos recentes revelaram que o próprio ato de escrever sobre os próprios sentimentos pode livrar da depressão, estimular o sistema imunológico e abaixar a pressão – retomando a crença de Aristóteles de que a escrita pode expressar “afeições da alma”. E espaçonaves aquém do Sistema Solar agora respondem a comandos escritos dos computadores da Terra. Ainda que imperfeita, a escrita se tornou uma expressão indispensável da nossa espécie social, quando começamos a nos aventurar para além dos limites conhecidos. Assim, para deixar uma marca na criação que comunique uma forma de pensamento – esse impulso caracteriza não apenas nós, mas também nossos antecedentes imediatos de dez mil anos atrás (Figura 176). À medida que a escrita continuar a servir e fazer avançar a humanidade com milagres multiformes está definindo e criando uma nova humanidade.

Qualquer que seja a forma que a escrita tome no futuro, ela permanecerá central à experiência humana, promovendo habilidades e registrando memórias. Como já deixou registrado com pincel e tinta, um escriba egípcio, cerca de quatro mil anos atrás: “Um homem morreu e seu corpo se tornou terra. Todos os seus parentes se desintegraram no pó. É pela escrita que será lembrado.”

